

A PECUÁRIA E A PRODUÇÃO DE LACTICÍNIOS NA ILHA DE SÃO JORGE DURANTE A SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

PAULO SILVEIRA E SOUSA*

Em São Jorge, desde os tempos do povoamento, que a produção de vinho e de cereais e que a criação de gado e o fabrico de lacticínios se impuseram como parte significativa dos sectores de exportação. Na segunda metade do século XVI eram já abundantes as criações e produzia-se vinho que era exportado em anos de boas colheitas. Quanto aos cereais estes demonstravam indícios de não conseguir satisfazer, nos maus anos agrícolas, as necessidades da ilha: uma característica que veio a constituir um traço permanente da história jorgense¹. De qualquer modo, nos bons anos agrícolas, em que se formavam excedentes de produção, São Jorge conseguia exportar gado vivo, ou carne salgada em pipas, queijo, alguns panos de linho e de lã, couro, vinho e cereais². Nos princípios do século XVII, o Padre Manuel Luís Maldonado referia que as «suas principais lavranças são vinhas e [que] se criam muitos gados e seus lacticínios são os mais selectos das Ilhas»³.

No século XIX a ilha de São Jorge podia ser definida como uma economia

* CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Universidade dos Açores.

1 Paulo Silveira e SOUSA, «Produção e consumo de cereais na ilha de São Jorge durante a segunda metade do século XIX», *Atlântida*, vol. LIII, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 2008, pp. 175-192.

2 António dos Santos PEREIRA, *Ilha de São Jorge (Séculos XV- XVII)*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1987, pp. 29 e 32.

3 Padre Manuel Luís MALDONADO, *Fénix Angrense*, Angra, Instituto Histórico da Ilha Terceira, 1989-1997,

agrária tradicional. Neste tipo de economia a terra e a sua distribuição social constituíam os principais factores de produção e de reprodução económica e social das comunidades locais organizadas. Da terra não só eram extraídos os produtos da dieta alimentar básica e as produções mais valorizadas pelo mercado e utilizadas para venda, troca ou pagamento de rendas; mas estavam igualmente dependentes do acesso ao factor terra, os principais materiais de construção e fontes de energia (as madeiras, lenhas e a pedra), os meios de carga e de transporte (de onde se destacam os gados bovino, cavalar, asinino e muar), assim como as grandes produções artesanais para autoconsumo, venda ou troca (como os objectos da tecnologia agrícola, a lã e o linho). Todo o labor humano destas sociedades se achava, pois, assente na terra e no trabalho, sendo que o acesso ao primeiro factor condicionava as possibilidades de execução e de criação de riqueza do segundo. Por outro lado, a disponibilidade de terra e os equilíbrios entre as suas várias utilizações potenciais, mantidas através do que podemos chamar a gestão social dos recursos naturais, eram igualmente decisivas nas formas de organização destas sociedades⁴.

Para a elite terratenente tradicional, os cereais, o vinho, o gado e, durante alguns decénios no século XIX, a laranja eram os produtos mais seguros e centrais, para conseguirem integrar-se nos circuitos comerciais e desta forma alcançar lucros elevados⁵. Eles constituiriam, assim, uma parte da base material do seu poder, estreitamente ligada com a dominação que os grandes proprietários e morgados exerciam sobre uma parte significativa das terras da ilha. Esta dominação passava não só pela concentração fundiária e pelo controle do aparelho de poder local, mas também pelo facto de disporem de propriedades em todos os andares de aproveitamento ecológico.

O camponês, o produtor directo, estava inserido numa teia de relações sociais que, de certo modo, o controlavam em termos económicos, políticos e culturais, deixando-o dependente duma interacção clientelar e paternalista negociada com os grandes proprietários. Esta interacção não era isenta de conflitos e de formas de resistência, muitas vezes, passivas e dissimuladas em atrasos, relutância em cumprir ordens e seguir normas superiores.

A propriedade, se se encontrava concentrada nas mãos de poucos, subdividia-se numa multidão de rendeiros e foreiros, que exploravam, com frequência,

4 Veja-se a este propósito Manuel Gonzalez de MOLINA, «La funcionalidad de los poderes locales en una economía orgánica», *Noticiario de Historia Agraria*, n.º 6, 1993, pp. 9-23.

5 Ver Paulo Silveira e SOUSA, «A produção e a exportação de laranja nos Açores (1800-1880). um olhar a partir da periferia: o caso da ilha de São Jorge», *Povos e Culturas*, n.º 16, Lisboa, CEPCEP, Universidade Católica Portuguesa, 2013; Paulo Silveira e SOUSA, «Produção e consumo de cereais na ilha de São Jorge durante a segunda metade do século XIX», pp. 175-192; Paulo Silveira e SOUSA, «Para uma História da vinha e do vinho nos Açores (1750 - 1950)», *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, vol. LXII, Angra do Heroísmo, 2004, pp. 57-159.

apenas pequenas parcelas, sem grande viabilidade económica fora do contexto camponês⁶. Só à medida que a emigração aumentou a independência material do camponês, é que vimos diminuir a força com que esta teia de relações de dominação actuava no quotidiano, ampliando-se, assim, a margem de autonomia com que os exploradores directos geriam a sua produção e as suas explorações⁷.

Dentro da ilha estávamos, esmagadoramente, perante explorações camponesas que, apesar de tentarem a sua autonomia, permaneciam igualmente dependentes do acesso à terra, dos ritmos de mercado e da tecnologia tradicional: a única que poderia estar ao seu alcance. Contudo, não podemos de modo algum desenhar um quadro agrícola simplesmente arcaizante. Por volta da década de 1890, o panorama das técnicas e dos processos agrícolas mostrava já alguns sintomas de viragem no distrito de Angra, com a introdução lenta de novas alfaias e com o crescente uso por parte dos grandes proprietários de adubos e de processos modernos. Contudo, a permanência da rotina e da tradição mantinham-se fortes, sobretudo na ilha Terceira, onde o arado continuava a guardar a preferência dos agricultores, apesar de muitos deles terem adquirido charruas americanas. Na ilha do Faial e em menor escala em São Jorge o uso das alfaias modernas estava mais desenvolvido, facto que é explicável pelo regresso de muitos emigrantes que traziam da América do Norte os seus próprios aparelhos, ou os mandavam vir de lá à medida que as necessidades o exigiam, modernizando e reproduzindo desta forma as explorações camponesas⁸.

Em 1875, o concelho das Velas tinha um maior aproveitamento dos terrenos e uma mais ampla produção das espécies pecuárias que o da Calheta. Nesses anos e segundo o administrador do concelho, num cálculo aproximado, a superfície

6 O campesinato, enquanto forma específica de organização social e económica dotada de traços culturais próprios, pode ser definido com base em quatro vectores: 1) na família como unidade básica e multidimensional da sua organização social, enquanto unidade de produção e de consumo; 2) na exploração agrícola, tendencialmente autárcaica, com um baixo índice de especialização e uma produção polivalente em pequena escala, servindo de fonte e garantia de subsistência; 3) numa cultura específica resultante da socialização em pequenas comunidades com fortes relações internas de interreconhecimento e redes de parentesco vastas e influentes, com uma proeminência da tradição e forte subordinação do comportamento individual à norma colectiva; 4) numa posição subordinada e dominada económica e politicamente, cf. Teodor SHANIN, «Introduction», in T. Shanin (org.), *Peasants and Peasants Societies*, Middlesex: Penguin Books, 1971, pp. 3-4.

7 Paulo Silveira e SOUSA, «A gestão social da propriedade na ilha de São Jorge durante a segunda metade do século XIX», *Arquipélago História* (2ª série), vols. XI-XII, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 2007-2008, pp. 73-122.

8 João Nogueira de FREITAS, *Relatório da Décima Segunda Região Agronómica, onde foi exercido o tirocinio de João Nogueira de Freitas*. dissertação apresentada ao conselho escolar do Instituto Geral de Agronomia (manuscrito), 1890, pp. 7-9.

agrícola utilizável rondaria os 10.000 hectares, estando apenas 1.000 ha sem qualquer uso. Esta área que correspondia mais ou menos ao baldio e a alguns pastos próximos, denominados o juncal, poderia, segundo o mesmo funcionário, ser arborizada. Na sua boa vontade, esquecia-se da elevada altitude a que esta zona se encontrava, onde qualquer nova planta teria que lutar contra frios e ventos de grande violência⁹. Por outro lado, ela não era de todo desperdiçada sendo muito utilizada como pastagem de Verão. Dos restantes 9.000 ha, 3.000 estavam ocupados por pastagens, 4.000 por quintas ou pomares, ou por pequenos arvoredos de conjunto com algumas vinhas. Os últimos 2.000 hectares formavam a superfície cultivada com cereais, leguminosas e tubérculos, isto é as terras de pão e de sementeira. O concelho das Velas alimentava uma exportação anual de cerca de 1.120 a 1.220 toneladas de queijo, e de 480 a 500 de manteiga, exportando ainda 200 a 300 cabeças de gado vacum, 900 a 1.000 hectolitros de milho e alguns milhares de caixas de laranja. O relatório do Administrador do concelho da Calheta é menos certo, começando este por se enganar nos números da área do concelho. Ficamos de qualquer modo, a saber que a superfície de rochas escarpadas e impróprias para cultura era aqui igual à área das terras de sementeira, ocupadas com milho, centeio, cevada, leguminosas, tubérculos e linho, e que as pastagens eram menos férteis que as do concelho vizinho. Mais uma vez e agora para a Calheta se regressava à ideia de aproveitamento intensivo dos pastos de altitude e das áreas ocupadas com pequenos arbustos. Sem grandes áreas dedicadas aos cereais como Rosais ou Santo Amaro, as exportações de milho, aqui, não passavam dos 80 a 100 hectolitros, 200 a 250 cabeças de gado vacum, 3 toneladas de queijo, 1,5 de manteiga¹⁰.

A segunda metade do século XIX foi uma época de grandes mudanças. A destruição da vinha pelo *oidium tuckeri* no início da década de 1850, o desenvolvimento da laranja nalgumas zonas da ilha até ao final de 1870, o notável incremento da produção de milho (que mesmo assim não conseguiu fazer frente à concorrência que, a partir da década de 1880, os cereais açorianos começaram a enfrentar), e a progressiva especialização produtiva na pecuária e na produção de lacticínios, foram acontecimentos com enormes repercussões sociais. Estas transformações ajudaram a fazer e desfazer fortunas, alteraram a maneira de viver das populações, modificaram a paisagem e as formas de aproveitamento dos

9 Experiências recentes de arborização nestas áreas, levadas a cabo pelos Serviços Florestais nas décadas de 1960 e 1970, tiveram um sucesso muito reduzido.

10 *Relatório Apresentado à Junta Geral do Distrito de Angra do Heroísmo na sua Sessão Ordinária de 1875, pelo Secretário-Geral servindo de Governador Civil Gualdino Alfredo Lobo de Gouveia Valadares*, Angra, Tip. do Governo Civil, pp. 56-60.

recursos naturais, dando origem a estratégias de adaptação ou de resistências às novas situações por parte dos vários grupos sociais.

A agricultura, as actividades económicas e a pecuária em São Jorge, ao longo da segunda metade do século XIX, não estiveram numa espécie de estagnação, nem reféns de um quadro de permanência das estruturas, ou mesmo de um declínio. Pelo contrário, revelaram evidentes mudanças e dinamismo. Para o demonstrar iremos estudar nas páginas seguintes a pecuária e a produção de lacticínios, áreas em que houve não só crescimento como uma progressiva especialização.

2 - A criação de gado e a produção de lacticínios

Desde os primeiros séculos do povoamento, os capitães e outros oficiais da milícia e da governança, bem como alguns clérigos, foram os donos das lavouras mais numerosas, cuidadas por alguns meiros ou por criados de suas casas¹¹. O gado como recurso não estava, de modo algum, distribuído de uma forma equilibrada pelos vários grupos sociais. Contudo, se as pastagens ocupavam uma parte importante do território de São Jorge e o gado e os lacticínios tinham um peso forte nas exportações, eram, como vimos atrás, o vinho e os cereais as principais fontes de rendimento das elites locais, deixando aquela actividade, até ao século XIX, num relativo segundo plano. O que não quer dizer que, ao longo dos séculos XVII e XVIII, a exportação de gado para ilhas como a Graciosa, o Faial ou a Terceira, não fosse constante, já que nelas a criação local nem chegava para o consumo.

No final do século XVIII e princípios do XIX, vários comentadores continuavam a referir que na ilha Terceira não existia gado *vacum* em número suficiente para o consumo dos açougues e dos navios que faziam escala no porto de Angra, sendo o gado importado de São Jorge¹². Será só a partir, sensivelmente, do terceiro quartel do século XIX, com a decadência irreversível da vinha e dos laranjais e com as sempre irregulares colheitas de trigo e milho a perder valor nos mercados, que passarão a ser os lacticínios e a exportação de gado bovino para o mercado continental as principais exportações da Terceira, alcançando um peso muito elevado nas fontes de receita da ilha.

Num relatório datado de 1879, a Ilha de São Jorge é dividida em duas grandes áreas. Uma primeira englobando a zona cerealífera de Rosais e a costa sul; aqui os terrenos são desde o litoral até certa cota entregues à cultura do milho,

11 António dos Santos PEREIRA, op. cit., p. 185.

12 Francisco Teixeira de SAMPAIO, «relatório agrícola (1798)», *Arquivo dos Açores*, vol. XIII, pp. 518-528, e Thomaz José da SILVA, *Reflexões sobre a Agricultura, Industria e Comercio da Ilha Terceira, offerecidas ao Ill^o e Exm^o Sr. Manoel Ignacio Martins Pamplona, Deputado das Cortes Gerais e Constituintes da Nação Portuguesa*. Lisboa, Tip. Rolandiana, 1822, p. 13.

leguminosas, batatas, algum trigo e cevada; os terrenos mais altos eram ocupados por pastagens naturais e matos, sendo a parte central desta área preenchida por biscoitos, sobre os quais vegetam alguns vinhedos e pomares. A segunda área, era quase toda ele coberta pelas extensas pastagens da costa norte que alimentavam numerosas cabeças de gado, «cuja criação, para a produção do leite e fabrico do queijo, constitui o principal ramo da indústria rural daqueles povos»¹³; Somente alguns terrenos mais próximos do mar eram aproveitados para a cultura do milho, algum trigo ou cevada e batatas. No entanto, o estado da agricultura nesta ilha não era considerado próspero, já que não se aplicavam «os métodos culturais que a ciência agronómica tem reconhecido como mais vantajosos». A criação de gado também poderia ser potencializada através do apuramento da raça leiteira indígena e pela introdução de reprodutores com decidida aptidão para a ceva. Apesar dos produtos lácteos desta ilha serem razoáveis e terem boa aceitação no mercado, as autoridades achavam que eles ainda tinham um longo caminho a trilhar até à perfeição, o qual poderia ser aberto através do aperfeiçoamento dos processos de fabrico, da criação de queijarias modernas e do aumento da riqueza forraginosa. No conjunto desta produção, o queijo revelava-se de muito maior importância que a manteiga¹⁴.

Amaro Soares de Albergaria, abastado negociante, era um dos principais intermediário na exportação de gado, durante os anos do início da década de 1870, «recebendo gado por conta de seus donos, comprando igualmente toda e qualquer quantidade que haja para vender», embarcando-o no vapor para o mercado lisboeta¹⁵. Durante o ano de 1873 a imprensa local faz uma constante apologia do incremento da pecuária, sendo as povoações dos *Nortes* referidas como as mais desenvolvidas neste ramo, mau grado a dificuldade de alcançar alimentos para o gado durante a estação invernal¹⁶. Contudo, na segunda metade do século XIX, e apesar de existirem bastantes cabeças de gado, não encontraríamos ainda, na maior parte das povoações da ilha (com a notória excepção das referidas povoações de montanha da costa norte), uma vida pastoril claramente separada da vida agrícola tradicional, tal como a hoje conhecemos.

13 *Relatório Apresentado pela Comissão Executiva da Junta Geral do Distrito de Angra do Heroísmo na sua Sessão Ordinária de 19 de Julho de 1879, seguido do resumo dos orçamentos aprovados pela mesma Junta Geral e do resumo das suas deliberações*, Angra, Tip. do Correio da Terceira, 1879, p. 47-48.

14 *Idem*, pp. 48 e 51.

15 Ver o *Jorgense* de 15/5/1873.

16 Cf. o *Jorgense* de 1/2/1873.

Quadro 1 - Número de cabeças e valor do gado exportado no distrito entre 1872 e 1878 e em 1883.

	Terceira	São Jorge	Graciosa	Total Distrital	Valor
1872	307	374	1	682	26:493\$000
1873	493	319	24	836	32:970\$000
1874	674	436	8	1118	45:472\$000
1875	143	421	57	621	24:064\$000
1876	576	226	-	802	23:886\$800
1877	467	423	4	894	32:781\$000
1878	721	276	6	1003	41:226\$265
1883	-	-	-	1348	53.629\$000

Fonte: Dados 1872-1878, *Relatório apresentado ao Conselho Distrital de Agricultura em 20 de Abril de 1879* por José Maria Leite Pacheco, p. 53. Dados 1883, *Relatório da Comissão Executiva da Junta Geral para 1883*, Angra, pp. 11-12.

Entre 1872 e 1878 a exportação de gado de engorda mantém um comportamento positivo. Na correspondência enviada para a Repartição de Agricultura do MOP da 2^a quinzena de Dezembro de 1872, o intendente, refere que continua a exportação da gado de São Jorge para a Terceira e daqui para o continente. Mas que esta actividade em breve poderá declinar se não forem melhoradas as qualidades do gado¹⁷. Para que ela se desenvolvesse era imperioso melhorar a cultura forraginosa e a produção animal. Nem na Terceira, nem em São Jorge, as principais ilhas exportadoras, a pecuária estava preparada para esta nova viragem. Em nenhuma delas existia uma raça cevatriz própria e desenvolvida. Era o gado de trabalho que depois de cansado ou por qualquer defeito era posto à engorda, normalmente em pastagem, sem qualquer regime de estabulação. A engorda tornava-se assim mais prolongada e dependia das contingências da vegetação pascigosa, o que segundo os agrónomos da época a tornava menos económica¹⁸. Porém, pelo contrário, pensamos que em ilhas onde a erva e os baldios abundavam e as forragens eram escassas, esta era uma forma bem económica e bem integrada na exploração camponesa de criar gado em pequena escala. Mesmo que ela desse

17 ARQUIVO HISTÓRICO DO MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS (AHMOP), DGCI, RA-IS, 3, «maço do distrito de Angra».

18 *Relatório Apresentado pela Comissão Executiva da Junta Geral de Angra do Heroísmo na sua Sessão Ordinária de 19 de Julho de 1879*, p. 53.

um animal magro e incompletamente desenvolvido, o facto é que os custos da sua criação tinham sido pequenos. Muito menores do que sucederia se se pusessem os animais em regime de estabulação a comer forragem.

Esta ideia de uma progressiva reconversão das actividades do sector primário do distrito de Angra no sentido de um predomínio crescente da pecuária atravessou, de facto, o debate e as opiniões dos principais agentes económicos e políticos desde meados da década de 1870. Em 1884, escrevia-se no relatório da Comissão Executiva da Junta Geral que o progresso agrícola do distrito dependia do desenvolvimento e aperfeiçoamento da indústria pecuária. O caminho apontado era o da substituição da actividade cerealífera pela pastagem, transformando-se o grão em carne e as espigas em erva tenra. No ano precedente a exportação de gado atingira as 1348 cabeças no valor de 53.629\$000 reis, um valor quase idêntico ao do milho exportado no mesmo período que atingiu um valor de 62 contos. Segundo a mesma fonte, este resultado foi alcançado ao fim de poucos anos, apesar das dificuldades de transporte dos animais para os mercados lisboetas, com as quais os exportadores continuariam a debater-se¹⁹. De facto, o mau acondicionamento do gado em veleiros sem condições de transporte, os altos preços praticados pela Companhia Insulana foram-se críticas constantes através dos anos da segunda metade do século XIX.

Se na Terceira a criação de gado para exportação revelava um peso crescente, em São Jorge, apesar da importância da exportação de gado, os lacticínios mantinham-se preponderantes. Em 1875, os administradores dos concelhos das Velas e Calheta referiam que o fim para que se tinha em vista a criação de gado vacum era principalmente o aproveitamento do leite para o fabrico de queijo e manteiga, sendo igualmente empregues nos serviços agrícolas²⁰.

Apesar do desenvolvimento da pecuária e dos lacticínios parece-nos, pois, demasiado apressado falar já de uma clara especialização leiteira no interior das explorações agrícolas. A repartição tradicional do gado bovino mantinha-se. Carne, leite e trabalho continuavam a deter pesos relativos importantes, embora seja hoje difícil tentar precisar qual deles evoluiu mais depressa, dado a manutenção de um tecido de explorações camponesas de pequena e média dimensão. Mais uma vez pensamos poder descrever aqui um relativo desenvolvimento e crescimento económico sem que contudo tenha existido um alteração significativa das estruturas num sentido claramente capitalista e moderno.

19 *Relatório da Comissão Executiva da Junta Geral do Distrito de Angra do Heroísmo apresentado na Sessão Ordinária de Maio de 1884*, Angra, Imprensa da Junta Geral, pp. 11-12.

20 *Relatório Apresentado à Junta Geral do Distrito de Angra do Heroísmo na sua Sessão Ordinária de 1875*, pp. 58 e 60.

O facto é que adequando-se bem à estrutura camponesa da propriedade rural do arquipélago e às condições ecológicas do território a pecuária tinha, em São Jorge, todas as razões para mesmo a partir de um nível técnico rudimentar alcançar um razoável nível de produtividade.

A criação de gado e a produção de lacticínios eram a origem de muito do pequeno capital necessário à exploração camponesa e uma vaca ou um boi considerados parte importante do seu património. Por outro lado, a produção de estrume garantia, ainda, a criação de adubo natural utilizado nas culturas agrícolas²¹. Nas explorações mais abastadas parte do efectivo era constituído por «gado de mato» e outra por «gado de trabalho», ficando normalmente este último segmento em estábulo ou noutras dependências próximas da habitação principal. De facto, a posse de gado e, em especial, de gado de trabalho para lavrar e semear terras de pão, funcionava também como um importante meio de diferenciação social dentro das pequenas comunidades.

Os *palheiros* estavam disseminados pela paisagem, junto das casas, mas também no meio dos pastos. Os bois eram geralmente mantidos em regime de estabulação²², permanecendo soltos somente durante os meses de Verão. Nos restantes meses encontravam-se nos palheiros e lojas, onde aqueciam as habitações. Nalgumas povoações da costa norte era hábito *invernar* os animais (principalmente o efectivo leiteiro) nas rochas e fajãs, ou colocá-los à porta de casa comendo ervas, forragens ou milho basto²³.

As vacas encontravam-se quase todas nos pastos, excepto uma ou outra que permanecia em estábulo, com uma dieta alimentar semelhante à dos bois. Durante o Inverno poderiam ser também levadas para as fajãs e, nos meses seguintes de Março e Abril, eram colocadas à corda nos terrenos de produção de milho, a comer *lucerna* ou *erva da casta*. A partir de Abril-Maio, muito deste gado seria colocado na *serra municipal*, em regime de manadio, disputando as pastagens de altitude com algum gado miúdo.

Em 1875, quer na Terceira, quer em São Jorge o sistema de manutenção do gado continuava a ser maioritariamente pastoril. Nestes anos, na primeira destas ilhas, construíram-se alguns barracões para abrigar o gado e para destiná-los à

21 Os animais, produzindo o estrume necessário para adubar a terra, funcionavam como um dos elementos que mantinham a fertilidade do solo, enquanto que as actividades agrícolas lhes garantiam forragens extra, indispensáveis à sua sobrevivência.

22 A permanência do gado dentro do estábulo, quer fosse num *palheiro* ou nas *lojas* das habitações, era uma garantia que assegurava que o estrume produzido não seria desperdiçado.

23 As «mudas» para as fajãs, recorrentes nos lugares mais elevados durante os meses de Janeiro a Março constituíam um movimento regido pelo ciclo climatérico muito semelhante aos movimentos dos pastores transumantes de outras paragens.

ceva²⁴. No entanto, estas medidas pouco se desenvolveram dado que ficariam demasiado dispendiosas. Quando se tinha tanta erva à escolha para alimentar o gado, a qual poderia ser obtida a muito mais baixo preço, para quê apostar em forragens ou em rações?

A produção do milho adaptava-se bem a este regime pastoril, o que não acontecia com o trigo. De Setembro ao princípio de Novembro semeava-se a *lucerna* e a *erva da casta* onde o gado se iria alimentar e adubar o terreno de Março a princípios de Maio, altura em que, então, era semeado o milho e em que os pastos de altitude já se encontravam com erva suficiente para o gado. O milho podia ser semeado em terras próprias, ou nas terras que no ano anterior haviam tido trigo, segundo um esquema de rotação que variava de acordo com as aptidões do terreno, ficando ainda o gado, depois da ceifa, a comer o *restolho*.

O boi era o animal agrícola por excelência, património sólido e prova de riqueza do camponês. Ele era utilizado nas lavras, na atafona, ou como veículo de carga e de transporte. O burro não possuía aqui a centralidade que lhe é atribuída no mundo mediterrânico, sendo principalmente usado para deslocar pessoas e cargas e nunca como auxiliar em tarefas agrícolas²⁵.

Na ponta leste de São Jorge, a parte da ilha que tinha ligações mais frequentes com a Terceira, as pastagens e os abrigos do Topo, de Santo Antão e de São Tomé engordavam muitos bois de trabalho importados pequenos da ilha vizinha. Era aqui que muitas vezes os camponeses das restantes freguesias se forneciam de juntas de bois, formadas por animais dóceis e corpulentos que alimentavam um circuito que podia ter começado nas campinas do Ramo Grande.

Os animais autóctones²⁶ seriam no século XIX ainda maioritários, pelo menos no grupo central. No entanto, os problemas de alimentação do gado, relacionados com a escassez de forragens e a pequena corpulência dos espécimes, tornava-os maus produtores de carne. A produtividade do leite não seria, igualmente, das melhores, sem entrar sequer em linha de conta com os problemas da produção industrial ou artesanal de lacticínios. Pelo contrário, a maior parte do gado estrangeiro era muito menos rústico que os animais autóctones, necessitando de maiores cuidados, melhor e mais ampla alimentação, sendo ainda menos

24 *Relatório Apresentado à Junta Geral do Distrito de Angra do Heroísmo na sua Sessão Ordinária de 1875*, p. 80.

25 Por exemplo em 1897, em resposta a um ofício do governo civil, a câmara das Velas afirma aramente que na ilha não havia cavalos ou muares empregues na lavoura. Arquivo Municipal das Velas (AMV), 1ª Repartição, «correspondência expedida (1868-1929)».

26 A denominada *raça da terra*, uma espécie de pequeno porte, muito resistente, com o pêlo vermelho ligeiramente comprido e a mais conhecida raça do *Ramo Grande*, oriunda da Terceira.

resistentes como gado de trabalho. De facto, a sua principal vocação era a engorda, produzindo maior quantidade de carne limpa e uma mais pródiga produção de leite.

Mais para o final do século começaram a chegar cada vez mais animais e reprodutores de outras raças. A partir de 1842 foram introduzidos em São Miguel animais de raças norte europeias que, com certeza, começaram a partir daqui a espalhar-se pelo arquipélago. Na década de 1870, quando São Jorge atravessava uma crise intensa, os jornais locais clamavam por uma reconversão produtiva no sentido do aumento da pecuária e dos lacticínios, referindo o estabelecimento de pastos artificiais e a introdução de melhores raças para o talho como indispensáveis para o desenvolvimento da indústria criadora²⁷.

O enorme surto da pecuária e, sobretudo, dos lacticínios no final do século XIX, fez com que nas ilhas onde esta actividade estava mais desenvolvida se avançassem com várias experiências de adaptação e com bons resultados, de raças leiteiras inglesas, francesas, suíças, holandesas e nacionais ou *nacionalizadas*. Numa representação ao governo datada de 1891, a câmara das Velas afirmava que foi «ultimamente dotada com um touro da raça Jersey»²⁸, mas pouco mais sabemos da introdução de gado estrangeiro na ilha. No entanto, em 1902, ainda se referia que «as vacas açorianas não passam de exemplares pessimamente seleccionados no sentido lactígeno duma confusa raça de trabalho», pedindo-se, a intervenção das autoridades no sentido de pôr ao dispor dos criadores alguns reprodutores de raças leiteiras mais produtivas²⁹. Esta proposta, que já tinha sido formulada anteriormente por outros comentadores³⁰, parece ter ficado esquecida, entregue apenas ao critério dalguns grandes proprietários com um perfil mais próximo do *gentleman farmer*. Por exemplo, no princípio do século Alexandre Leite da Gama Bettencourt, grande proprietário e industrial de lacticínios em São Jorge, introduz várias raças estrangeiras com vista a melhorar a aptidão lactígena do gado local. Vieram reprodutores de raça holandesa, Jersey, Normanda e Southdown que fizeram com

27 *O Jorgense* de 15/3/ 1871.

28 AMV, «Registo das Representações ao Governo de sua Majestade (1870-1902)», fls. 53 e 54.

29 José Caetano Pereira de LACERDA, *Algumas Palavras sobre Interesses Açorianos pronunciadas na Câmara dos Deputados e ampliadas depois, com ligeiras notas a respeito do parlamentarismo português, e sobre a origem geológica, a situação geográfica, o clima, a flora, a fauna terrestre e marítima, o descobrimento, a colonização e a navegação do arquipélago dos Açores*, Lisboa, Rodrigues e C^a Imp. Libânio da Silva, 1902, p. 30.

30 Cf. entre outros, José Pereira da Cunha da Silveira e SOUSA Júnior, *Os Lacticínios na Região Açoriana Oriental*, Dissertação inaugural apresentada ao conselho escolar do Instituto de Agronomia e Veterinária, Lisboa, Tip. Matos Moreira, 1887, e António de Andrade Albuquerque Bettencourt, *Indústria Pecuária na Ilha de São Miguel: o que foi, é e pode ser*, Lisboa, Tip. de Adolfo Modesto & Cia, 1887.

que os exemplares mestiços se tornassem os mais comuns no efectivo desta ilha, tendo provavelmente melhorado a sua aptidão leiteira e aumentado a produção³¹.

A altitude de muitas pastagens (lembremo-nos que vastas áreas ainda estavam ocupadas por cereais), um regime pastoril livre em que o gado era posto durante o Inverno em terras de cereal criavam um quadro específico. As pastagens naturais não eram adubadas, nem lhes era dirigido algum cuidado no melhoramento do solo, que ultrapassasse a sua limpeza periódica. Durante os meses de Inverno assistia-se a uma grande escassez de reservas alimentares, sem qualquer aproveitamento e armazenagem em grande escala de forragens³². Um problema que se irá manter muito para além do período aqui estudado. Isto apesar da introdução do incenseiro, que se expande rapidamente pelos matos de São Jorge, tornando-se um alimento certo para o gado, principalmente durante o período de Inverno.

Uma parte significativa dos terrenos de altitude apenas poderia ser aproveitada como pastagens. Estes prédios não só eram muito numerosos como economicamente importantes. Qualquer modificação do seu estatuto levava a acções concertadas por parte dos grandes proprietários e morgados, topo da notabilidade local.

Na segunda metade de 1863, aquando da substituição dos dízimos pelas contribuições predial e industrial, as vacas criadas para leite foram colectadas como indústria. Rapidamente os criadores de gado e lavradores da ilha se indispuseram contra esta medida, não deixando nunca de representar ao governo, de pedir aos deputados e aos influentes, até que em 1875, passados 12 anos, por um decreto, sob consulta do Conselho de Estado, foram as vacas leiteiras isentas da contribuição industrial, por ser o único meio de usufruir os terrenos de pastagens já inscritos e a pagar contribuição predial. Foi recorrente José de Sousa da Rosa³³, da Urzelina, muito protegido pelo comendador José Acácio da Silveira,

31 José Augusto Fragoso, Joaquim Tiago Ferreira, Jácome de Ornelas Bruges, «A Agricultura no Distrito da Horta, Subsídios para o seu Estudo», Separata do *Boletim do Ministério da Agricultura*, ano XIII, nº 1-4, 1932, pp. 50. Em 1908 J. V Paula Nogueira referia que as raças dos Açores não eram exactamente as mesmas de Portugal continental. Desde a primeira metade do século XIX que os criadores açorianos tinham vindo a introduzir e a cruzar com as raças autóctones animais importados de Inglaterra, da Holanda e do continente. Este processo feito sem qualquer controle zootécnico, apostando somente nos conhecimentos empíricos dos criadores, produziu uma enorme variedade de tipos mestiços, que segundo o mesmo autor tinham tendência em fixar-se num tipo característico nas ilhas de maior desenvolvimento pecuário, Terceira, São Jorge e Flores, cf. J. Viegas Paula NOGUEIRA, «O arquipélagos dos Açores», in António Teixeira Júdice (org.), *Notas sobre Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1908, p. 423.

32 No *Jorgense* de 1.02.1873, adianta-se a hipótese de serem aproveitados os antigos vinhedos do lado sul para a cultura de prados artificiais temporários ou para a cultura de milhos bastos para forragem. Mas esta ideia não teve quaisquer desenvolvimentos.

um dos grandes influentes políticos progressistas e o maior criador de gado do concelho das Velas³⁴.

Em 1826 e 1827 o gado vacum ultrapassava as 5000 cabeças. Parte deste gado era exportada para Angra e Ponta Delgada e em menor número para fora do arquipélago³⁵. Contudo, cerca de 50 anos mais tarde o recenseamento de gados de 1870 para o distrito de Angra do Heroísmo referia um total de 4.664 cabeças de espécie bovina para os dois concelhos de São Jorge, sendo 2.949 no concelho das Velas e 1.695 no da Calheta. Números que nos parecem subavaliados. Segundo este mesmo recenseamento, quer o concelho de Angra, quer o da Praia da Vitória tinham um número de cabeças de gado bovino consideravelmente superior ao dos concelhos de São Jorge, respectivamente 8.175 e 4.550, e até Santa Cruz da Graciosa ultrapassava, com as suas 1.997 cabeças, o número registado para o concelho da Calheta³⁶. Estes quantitativos são considerados por José Pereira da Cunha da Silveira Júnior, em 1887, deficientíssimos, tal como o próprio relator da comissão que efectuou o recenseamento havia alertado. O mesmo autor adianta que, por um lado, a população de bovinos aumentou bastante nos anos subsequentes ao recenseamento pela importação de novas cabeças e que, por outro, era conhecida a má vontade de todos os criadores em fornecer dados correctos que supunham redundar em novos impostos³⁷.

De acordo com João Duarte de Sousa, São Jorge teria pastagens naturais para alimentação completa de 5.000 reses de gado bovino, sem contar com o *logradouro comum*, nem com *serros e juncais*, em que pastam alfeires e rebanhos de ovelhas³⁸. O mesmo autor aponta, em 1897, para um efectivo de cerca de 7.000 cabeças de gado bovino, sendo dois terços das reses vacas leiteiras, e não se esquece, também, de fazer menção à inexactidão dos dados prestados pelos regedo-

33 José de Sousa da Rosa começou como um pequeno comerciante da Urzelina, na primeira metade do século, fazendo negócios com as principais famílias de proprietários, formando, por exemplo, uma sociedade com André José Pereira da Silveira e Sousa para a aquisição das terras do antigo arrendamento da Ponta Furada. Acabaria nas décadas de 1870-1880 dono de uma fortuna razoável, aparecendo igualmente acabaria nas décadas de como vereador. O seu filho, Samuel José da Rosa, foi a partir de 1886 o recebedor da comarca das Velas, e um outro filho seguirá a carreira militar.

34 José Cândido da Silveira AVELAR, *A Ilha de S. Jorge (Açores), Apontamentos para a sua História*, Horta, Tip. Minerva Insulana, 1902, p. 42 e 43 e João Duarte de SOUSA, *Ilha de São Jorge: Apontamentos Históricos e Descrição Topográfica*, Angra do Heroísmo, Tip. União, 1897, p. 35.

35 AHU, Açores, maço 112, «Mapas Estatísticos da Ilha de São Jorge nos anos de 1825, 1826 e 1827».

36 *Almanaque Insulano para Açores e Madeira, Estatístico, Histórico e Literário para o ano de 1874...*, pp. 71-72.

37 José Pereira da Cunha da Silveira e SOUSA, op. cit., pp. 65-81.

38 João Duarte de SOUSA, op. cit., pp. 124 e 125.

res para o cadastro de 1870, sempre desconfiados de novas investidas tributárias.

Quadro 2 – Efectivo Bovino no Distrito de Angra do Heroísmo por Ilhas e por Concelhos em 1866, 1868-1873, 1876 e 1884

Anos	Angra	Praia	Terceira	Velas	Calheta	São Jorge	Graciosa	Distrito
1866	7755	9239	16994	3042	3294	6336	2318	25648
1868	6710	6677	13387	3302	3305	6607	1965	21959
1869	6689	10520	17209	3400	3320	6720	2020	25949
1870	8 175	4550	12725	1997	2 949	4 946	1695	19366
1871	8677	5000	13677	3346	2608	5954	1997	21628
1872	8 061	5200	13261	3855	2608	6463	1200	20924
1873	8533	5000	13533	2655	2611	5266	1200	19990
1876	9282	5000	14282	2914	2611	5525	1200	21007
1884	5900	5800	11700	3825	2280	6105	800	18605
1911	14000	6000	20000	5135	4960	10095	3600	33695

Fonte: Dados 1868, *Relatório Apresentado à Junta Geral do Distrito de Angra do Heroísmo na sua Sessão Ordinária de 1870*, pelo Governador Civil Félix Borges de Medeiros, Angra: Tip. Do Governo Civil, 1870, mapa 35. Dados 1876, *Relatório Apresentado à Junta Geral do Distrito de Angra do Heroísmo na sua Sessão Ordinária de 1877*, pelo Governador Civil Barão do Ramalho, Angra: Tip. Do Governo Civil, 1877, mapa 79, p. 153. Dados 1884, BPAAH, Fundo do Governo Civil, 1ª Repartição, Registo de Offícios para os Ministérios, livro 14 (1884-1885). Dados 1911, BPAAH, Fundo do Governo Civil, *Livros de Registo da Correspondência da Comissão Distrital de Estatística do Distrito Administrativo de Angra do Heroísmo (1888-1914)*.

De acordo com João Duarte de Sousa, em São Jorge, no final do século XIX, a criação de vacas leiteiras estava já relativamente desenvolvida, existindo freguesias, sobretudo as da vertente norte, em que quase todas as famílias criavam pelo menos uma vaca destinada unicamente à produção de leite para consumo doméstico, sendo estes animais, na maior parte, alimentados com forragens, nas terras próximas ou em estábulo, para evitar grandes deslocações. No entanto, ficamos sem saber o efectivo leiteiro real, ou mesmo cadastrado. De qualquer forma, o efectivo leiteiro de São Jorge devia ser considerável, sendo provavelmente uma das ilhas que criava mais gado deste tipo, o que pode ser deduzido das informações de vá-

rios comentadores³⁹ e da importância de que se revestia a exportação de laticínios.

Na segunda metade do século XIX a hegemonia, do milho como cereal base da subsistência camponesa, da produção leiteira e da criação de gado, foi acompanhada por uma forte emigração que diminuiu consideravelmente o enorme reservatório de mão de obra que mantinha o *jornal* a baixo preço.

Ora a criação de gado era também uma actividade que não exigia uma mão de obra tão abundante como o cultivo de trigo, da vinha ou da laranja. Na realidade, «nas pastagens insulares não são usados guardas permanentes, indo aí os pastores unicamente de manhã e à tarde para proceder às mangeduras»⁴⁰. Mas, a verdade é que quer a população entre 1878 e 1900 começava a diminuir consideravelmente, quer esta relativa disponibilidade de tempo, permitia às casas camponesas articular as culturas de subsistência com uma pequena produção leiteira ou com a criação de algum gado para venda, fontes de alguns rendimentos monetários suplementares. Tal ordem de razões impulsionou a transformação da estrutura produtiva de São Jorge e uma progressiva especialização na pecuária e nos lacticínios⁴¹.

A partir sensivelmente da década de 1870, a emigração actuou como uma força poderosa na reconversão agrícola da ilha de São Jorge. A falta de mão de obra e o alto preço do jornal conduziram os povos para uma dedicação mais exclusiva e afincada na criação de gado, «abandonando-se em parte a cultura dos cereais em terras de pequena produção e de dispendioso fabrico». Nesse sentido, o administrador do concelho das Velas pedia a introdução de novas espécies de gado bovino com melhor aptidão para o talho e para produção de leite, já o principal objecto de exportação deste município⁴².

39 Ver, por exemplo, o já muito citado José Pereira da Cunha da Silveira e SOUSA Júnior (1887), que terá um papel primordial no desenvolvimento da indústria de laticínios e na reconversão produtiva da agricultura da ilha, João Duarte de SOUSA, op. cit., 35 e José Cândido da Silveira AVELAR, op. cit., pp. 133-135.

40 Henrique de Sampaio e Castro Pereira da Cunha da SILVEIRA (1924), *Subsídios para o Estudo das Pastagens Açorianas, ilha de São Jorge*. Henrique Cunha da Silveira era filho primogénito do citado José P. da Cunha da Silveira e Sousa Júnior, também ele agrónomo. Foi casado com D. Margarida Jardim Hintze Ribeiro, Filha de António Hintze Ribeiro, militar e deputado regenerador, sobrinho do chefe nacional deste partido Ernesto Rodolfo Hintze Ribeiro. Mais tarde em 1946, durante o Estado Novo, e seguindo a tradição familiar, será deputado na IV legislatura da Assembleia Nacional em representação do distrito de Angra. Tal como seu pai foi um dos grandes impulsionadores do incremento leiteiro em São Jorge.

41 Paulo Silveira e SOUSA, «Emigração e Reprodução Social nos Açores durante a Segunda Metade do Século XIX: o caso da Ilha de São Jorge», in Paulo Matos (org.), *A Demografia das Sociedades Insulares Portuguesas, séculos XV a XX*, Porto, CITCEM, 2014, pp. 237-269 (no prelo).

42 *Relatório Apresentado à Junta Geral do Distrito de Angra do Heroísmo na sua Sessão Ordinária de 1875*, p. 41.

A exploração dos pastos era feita directamente pelo proprietário (que deste modo contratava pastores) ou pelo rendeiro (normalmente um camponês que utilizava a força de trabalho do seu grupo doméstico). Nas primeiras décadas do século XX, temos notícias de que eram os rendeiros quem mais intervinha na exploração dos pastos, acusando-se «a falta de braços e sobretudo, de braços de confiança», de contribuir para a generalização do contrato de locação e para o absentismo do senhorio da terra⁴³. Segundo a mesma fonte, os arrendamentos de curta duração, sendo o anual o mais frequente, e raros e muito raros aqueles que atingiam os 3 ou 5 anos, não davam segurança aos rendeiros para proceder a benfeitorias no prédio, «chegando mesmo a impossibilitá-los de cumprir os arranjos mais urgentes e triviais, como sejam as mondas de limpeza», acusando-se as constantes flutuações de preço dos produtos pecuários e leiteiros de serem as causadoras desta situação. Infelizmente, não temos conhecimento de como se processava esta situação na segunda metade do século XIX, quando muito podemos especular que seria já semelhante, tendo em conta, no que se refere ao arrendamento, muitos relatos para outras ilhas.

Na alimentação dos camponeses o leite e os produtos lácteos entravam em grande quantidade: «não há trabalhador rural que não se faça acompanhar de uma cabaça de leite, quando se destina às suas lides, nem caminheiro que na sacola deixe de sentir o fragmento do queijo, obrigado ao usual pão de milho»⁴⁴. Quanto à carne, bois e vacas constituíam muito mais animais de trabalho, ou de produção de matéria-prima, do que um recurso regular na alimentação. A carne de vaca só aparecia com abundância à mesa dos jorgenses por alturas das Festas do Espírito Santo, onde uma troca ritual de alimentos fornecia ocasião para uma disputa forte sobre o prestígio e a riqueza locais. Na alimentação quotidiana, a carne de porco marcava presença mais constante. Somente alguns camponeses mais ricos matabam a sua *gueicha*⁴⁵, salgando-se posteriormente a carne.

O leite produzido era, muitas vezes, transformado em casa, em manteiga e queijo⁴⁶, nos recenseamentos eleitorais, eram vários os indivíduos de Santo António, do Norte Grande ou do Norte Pequeno que surgiam referenciados como queijeiros. Os pastos e a criação de gado fizeram dos *Nortes* terra de vaqueiros e de queijeiros, principal zona produtora dos laticínios artesanais que durante séculos a ilha exportou.

43 *Idem*, p. 25.

44 José Pereira da Cunha da Silveira e SOUSA Júnior, op. cit., p. 78.

45 Animal de ano e meio a dois anos que ainda não deu cria, e portanto não pode fornecer leite.

46 Eram relativamente comuns os foros pagos a manteiga nos «nortes», o que demonstra o interesse dos proprietários por este produto e o seu valor económico como mercadoria exportável.

Só no fim do século, à medida que as fábricas de lacticínios se foram implantando, o leite passou a ser conduzido à fábrica em barris transportados pelos homens ou sobre o dorso dos burros. Contudo, o aparecimento dos estabelecimentos fabris no virar do século, não fez desaparecer o fabrico de queijo caseiro, continuando estas duas formas de produção a competir até ao surgimento em força das cooperativas leiteiras a partir da década de 1930.

Em 1908, J. V. Paula Nogueira escrevia que São Jorge, Pico e Faial exportavam, todos os anos, grandes quantidades de queijo e de manteiga para Lisboa. A criação e engorda de gado era, por sua vez, mais importante na Terceira, em São Jorge e nas Flores. As extensas pastagens da parte central da primeira delas forneciam uma opulenta vegetação forraginosa que permitia alimentar de Verão e parcialmente de Inverno uma grande quantidade de gado em regime de manadío⁴⁷. A reconversão havia sido parcialmente feita. A pecuária era já a principal actividade agrícola em várias das ilhas do grupo central.

3 - O nascimento da indústria de lacticínios

O sector lácteo nos Açores resume-se muito simplesmente ao gado bovino. A importância das outras espécies é secundária na economia regional, ficando reservada para o autoconsumo e para a autosubsistência do grupo doméstico. Não queremos dizer que a importância do gado suíno fosse de desprezar, ele não só ocupava um lugar central na alimentação das populações, como dava inclusive lugar a fluxos de exportação inter-ilhas; não afirmamos também que o gado lanar tivesse uma presença secundária, embora nos Açores ele fosse pouco cuidado e a sua exploração se destinasse quase exclusivamente à produção de lã, sendo irrelevante a sua componente alimentar, quer enquanto carne quer como matéria prima para os lacticínios; do mesmo modo, não esquecemos que quer a carne quer o leite dos caprinos eram importantes produtos alimentares e que o seu pastoreio nas encostas íngremes e mais inacessíveis e nos baldios era um precioso auxiliar para a autosubsistência das casas camponesas mais pobres; o que pretendemos sublinhar é uma crescente especialização da economia regional, no gado bovino e nos seus derivados leiteiros, a qual foi formando cada vez mais o grosso das exportações feitas para o exterior.

Pensamos mesmo que em relação a outras regiões do continente o peso do leite de vaca seria muito superior nas ilhas, quando comparado com o total da produção lactígena. De facto, não era o queijo de cabra ou de ovelha que se fabricava e exportava. Esse era quase exclusivamente reservado para a alimentação do grupo doméstico.

47 J. Viegas Paula NOGUEIRA, «O arquipélagos dos Açores», p. 423.

A indústria dos lacticínios tem uma longa história em São Jorge. Encontramos referências à exportação de queijo e manteiga desde o século XVI e elas acompanham permanentemente a história local. Esta indústria artesanal estava concentrada sobretudo nalgumas povoações da costa norte, onde eram muitas as famílias que produziam queijo e manteiga para um pequeno mercado local e um também exíguo mercado de exportação, representando sempre uma das principais facetas da estrutura produtiva local. Por volta de 1830 temos notícias de uma queijaria no Toledo, propriedade de um grande negociante, Joaquim Severino de Avelar, administrador do *arrendamento* do Urzal⁴⁸. Todavia, até à década de 1890 permanecem ausentes as referências a empreendimentos de grandes dimensões.

Será a reconversão produtiva, após o fim das vinhas e as melhores comunicações com o exterior, com o estabelecimento de uma carreira regular de vapor em 1857, que ajudaram a desenvolver a incipiente indústria de lacticínios, impulsionando, igualmente, a criação de gado para exportação em vivo. De tal forma que, em 1875, *O Jorgense*, no meio das críticas à má qualidade da manteiga e do queijo exportado, escreve que esta indústria «tem uns 15 anos a esta parte tomado um incremento notável», apesar de abandonada inteiramente a indivíduos pobres⁴⁹.

Na década de 1880 esta indústria atingia já um destaque considerável, sendo encarada como o ramo mais importante da agricultura, quer sob o ponto de vista alimentício, quer visando a exportação.

Quadro 3 - Estado da Indústria Artesanal de Lacticínios do Distrito de Angra do Heroísmo no ano de 1881

Ilhas	Produção de queijo de vaca em kg.	Valor do queijo	Produção de manteiga em kg.	Valor da manteiga	Litros de leite para o queijo	Litros de leite para a manteiga
Terceira	50	20\$000	35.000	14.000\$000	400	100.000
São Jorge	180.000	72.000\$000	20.000	8.000\$000	5.400.000	400.000
Graciosa	1.000	400\$000	100	400\$000	30.000	2.000
Total	181.050	72.420\$000	55.100	22.400\$000	5.430.000	502.000

Fonte: *Inquérito Industrial de 1881*, vol. I, p. 310, «Nota do estado actual da indústria caseira, mais considerável, no distrito de Angra do Heroísmo, segundo dados fornecidos pelos regedores de paróquia».

48 José Cândido da Silveira AVELAR, op. cit., p. 134.

49 *O Jorgense* de 1/1875 e de 15/3/1871

José Pereira da Cunha da Silveira e Sousa Júnior na década de 1880 admitia mesmo que os lacticínios eram a única indústria capaz de atenuar a crise que as ilhas dos Açores ocidentais atravessavam desde há alguns anos, através do seu maior desenvolvimento e da colocação dos seus produtos no mercado continental, que dada a escassez os importava do estrangeiro⁵⁰. A indústria leiteira não só estava adaptada às condições naturais de algumas das ilhas do arquipélago, como possuía um mercado amplo e com possibilidades de crescimento.

Esta ideia de reorientação produtiva dá-se numa altura em que o panorama agrícola era negro. As culturas que anos atrás haviam garantido rendimentos à economia destas ilhas estavam nestes anos totalmente postas de lado. «O *oidium*, que fez a sua entrada em 1853, destruiu parcialmente os vinhedos do Pico, Graciosa e São Jorge. A depreciação e doença da laranja - cultura de favor pois que dava lucros excepcionais - fechou há uns 8 ou 9 anos, o mercado de Londres e obriga a arrancar os pomares na Terceira e São Jorge. A paralização no comércio dos cereais cerceia, presentemente, aos agricultores da Terceira e Graciosa - com especialidade - os seus interesses. A difícil e diminuta colocação de carnes vivas, ocasionada por causas idênticas às continentais, faz com que a saída de gado bovino em meia engorda cesse na Terceira, São Jorge, Pico e Faial»⁵¹.

A proposta consistia na reorientação para uma nova especialização produtiva, aproveitando-se com muito maior intensidade, e de acordo com critérios de exploração agrícolas modernos, a superfície agrícola de modo a aproveitar os terrenos altos, os extensos baldios e aqueles até aqui votados ao trigo e à cevada, transformando o maior número possível em prados naturais e artificiais⁵², iniciando culturas forraginosas, aumentando o efectivo pecuário, implantando-se a indústria dos lacticínios onde ela fosse desconhecida e alargando-a e melhorando-a onde ela já existisse rudimentarmente.

Segundo João Nogueira de Freitas, na ilha de São Jorge, os criadores chegavam a matar os novilhos à nascença com o fim de aproveitar uma maior quantidade de leite, e quando precisavam de gado de trabalho iam comprá-lo a outras ilhas, uma prática que o autor classificava de brutal e anti-económica. *O Jorgense* de 24.03.1900 diz-nos que «com o leite ao preço de 80 reis por canada,

50 José Pereira da Cunha da Silveira e SOUSA Júnior, op. cit., pp. 65-81.

51 José P. da Cunha da Silveira e SOUSA Júnior, op. cit., p. 66.

52 Idêntico movimento de contracção das áreas de cereais estaria a suceder em vastas áreas do continente, principalmente no Ribatejo e Alentejo, veja-se a este propósito Miriam Halpern PEREIRA, *Livre Câmbio e Desenvolvimento Económico*, Lisboa, Sá da Costa Editora, 1972, pp. 67-74. O que demonstra, mais uma vez, um certo acompanhamento das actividades produtivas que pelo menos certas franjas das elites açorianas faziam, assim como parece indiciar uma inserção dos mercados de cereais açorianos nas dinâmicas nacionais.

não podem os criadores, sem imediato prejuízo, conservar as crias de todas as vacas; assim como também a criação de gado para o açougue, nas pastagens naturais, não convém em vista do alto preço locativo a que elas chegaram. As crias não valem o leite que mamam, nem a carne vale a erva que as reses comem»⁵³. Em 1927 o agrónomo José Cunha da Silveira escrevia que com o fito de se obter o máximo de leite industrial, era uso, desde tempos imemoráveis, sacrificar à nascença 80 a 90% das crias⁵⁴. O gado bovino mantinha uma tripla função de trabalho, ceva e leite, mas em São Jorge a componente leiteira sobrepunha-se claramente às restantes.

Se, na Terceira, havia sido erigida nos anos de 1880 uma moderna fábrica de lacticínios, em São Jorge, ilha conhecida desde sempre pelo seu queijo, onde há mais de um século se manipulava industrialmente o leite, a produção continuava a mesma, com uma feição caseira e artesanal, apesar de se ter multiplicado o número de pequenos fabricantes, sem grandes reflexos ao nível das quantidades exportadas. Ainda assim, a indústria jorgense de lacticínios era a primeira e mais importante deste conjunto de ilhas⁵⁵.

Será no início da década de 1890, que José Pereira da Cunha da Silveira e Sousa Júnior e Alexandre Leite da Gama de Bettencourt⁵⁶ formam uma sociedade e montam uma fábrica de lacticínios moderna para produção de queijo e manteiga na povoação da Beira, entregando a sua direcção a um indivíduo inglês contratado para esse efeito⁵⁷. Esta indústria teve bastante sucesso e rapidamente surgiram

53 João Nogueira de FREITAS, op. cit., p. 129.

54 José Cunha da SILVEIRA, *A Indústria dos Lacticínios nos Açores: a sua evolução, a sua feição actual, o seu ressurgimento. Apenso, algumas notas sobre a viticultura na Ilha de São Jorge (Açores)*. Separata do boletim *Agros*, Lisboa, 1927, p. 25.

55 Idem, p. 77. José P. da Cunha da Silveira Júnior resume afirmando que «o estado actual da indústria é nulo nas três ilhas - Graciosa, Flores e Corvo; em início na Terceira [exportam-se pequenas quantidades de queijo]; estacionário, rotineiro mas importante em São Jorge [produção de queijo e manteiga com algum destaque mas longe das suas possibilidades efectivas] e Faial [nesta última ilha produz-se e exporta-se, sobretudo, manteiga]; e em pequena escala no Pico [também aqui se exportam pequenas quantidades de queijo]», idem, p. 72 e 79.

56 Natural de São Miguel, o seu irmão António era casado com a filha única, «legitimada» e herdeira de António Machado Soares Teixeira, um importante proprietário local e influente político. Alexandre Leite da Gama já tinha história neste ramo pois havia sido o proprietário duma fábrica de lacticínios «montada com todo o material moderno mais útil e conveniente no Vale das Furnas», em São Miguel, no fim da década de 1880. Vendo que esta não produzia com resultados suficientes em São Miguel Alexandre Leite da Gama passou então a São Jorge. Gabriel de ALMEIDA, *As Ilhas dos Açores*, Lisboa, Tip. Viúva Bertrand, 1889; Júlio Máximo PEREIRA, «Recordações dos Açores», *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 12ª série, Lisboa, Imprensa Nacional, 1893, p. 29.

57 Apesar de uma outra experiência anterior esta parece-nos ser a primeira fábrica de lacticínios digna desse nome que se instalou em São Jorge. Cf. J. C. da S. AVELAR, op. cit., p. 135.

outros estabelecimentos.

No início do século seguinte, os dois pioneiros haviam desfeito a sociedade e enquanto José Pereira da Cunha da Silveira e Sousa Júnior mantinha a fábrica da Beira, Alexandre Leite da Gama Bettencourt havia fundado uma outra em Santo António. Existindo nestes mesmos anos, referências a outras fábricas de manteiga na Beira, em Santo Amaro e nas Manadas⁵⁸.

De qualquer modo, na década de 1890, a indústria dos laticínios estava ainda numa fase de arranque, e apesar do seu desenvolvimento não teria ainda colmatado a brecha aberta na economia local pela perda da vinha e pela quebra nos incertos cereais. Será nas primeiras três décadas do século seguinte que podemos falar de uma efectiva especialização produtiva da ilha nos produtos pecuários e nos laticínios. Contudo, a produção sofrerá com oscilações frequentes dos mercados e problemas vários relacionados com um certo atraso nas técnicas pecuárias.

Se os produtos açorianos foram-se impondo no mercado lisboeta, certo é que a produção estrangeira continuou importante num segmento de mercado de maiores rendimentos, onde os queijos mais tradicionais deviam ser postos de parte face aos produtos mais standardizados das agriculturas do norte da Europa

Os queijos açorianos eram elaborados por pequenas unidades artesanais faltando-lhes um tipo regional claro que pudesse garantir homogeneidade, rentabilidade e competitividade nos mercados urbanos. Somente em São Jorge é que se registou um esforço de homogeneização do tipo dos queijos, que se foi acentuando à medida que se instalavam fábricas sempre um pouco mais modernas, mas que não abandonavam o figurino da pequena unidade, a produzir sazonalmente, com poucos trabalhadores e uma tecnologia nem sempre muito desenvolvida.

O queijo de São Jorge, foi-se standardizando num tipo próprio que as tantas era produzido em várias das ilhas do arquipélago, tomando sobre a mesma denominação produtos com características organolépticas diferentes. A exportação manteve-se sempre o principal destino da produção insular, cujo mercado interno era coberto em grande medida pela produção camponesa. Mesmo pensando no escasso segmento de mercado urbano do arquipélago, este deveria ser abastecido, em boa parte pelos sistemas tradicionais de distribuição.

A crise agrícola que se faz sentir no distrito de Angra durante as décadas finais do século XIX, com a quebra de preços dos cereais e o desaparecimento da exportação da laranja, levou a uma nova orientação da produção. A especialização pecuária e leiteira acentuou-se, ao mesmo tempo que a cultura do trigo se via cada vez mais circunscrita, lutando com crescentes dificuldades de colocação nos mercados tradicionais e sem que no horizonte surgisse um qualquer outro

58 José Cândido da Silveira AVELAR, op. cit, p. 133-135.

alternativo.

A orientação leiteira da economia do distrito deve ser enquadrada como uma tentativa para concorrer e abastecer o grande mercado urbano de Lisboa. Mas as dificuldades de escoamento dos produtos, o elevado preço dos transportes e por vezes a sua má confecção eram obstáculos fortes. De qualquer modo, a indústria dos laticínios manteve sempre um crescimento relativamente sustentado, apenas abalado por crises conjunturais.

Mesmo o desenvolvimento pecuário das áreas dos arredores de Lisboa não conseguiu colocar grandes problemas à produção açoriana que mercê dos baixos preços e das vantagens comparativas em termos de produção era capaz de concorrer com a produção continental.

Como forma de aumentar a produção leiteira era já proposto o cultivo intensivo de forragens e em vez de um regime de pastagem inteiramente livre, um regime misto com estabulação no inverno e suplemento alimentar de forragens.

O alargamento desta indústria valorizou bastante os prédios de pastagem, beneficiando quem os possuía, aumentou o preço do leite e o do queijo, mesmo o produzido artesanalmente, que continuava a ser fabricado por muitas famílias camponesas, principalmente nas povoações da costa norte.

No entanto, em 1933, já depois de algumas décadas de incremento da pecuária e dos laticínios, as pastagens continuavam a só permitir que as fábricas de laticínios laborassem oito meses por ano⁵⁹. Nos outros quatro em que a pastagem se torna pouco produtiva, alimentava-se o gado parcamente, muitas vezes à custa das terras de lavoura, ou levando-se os animais para as *rochas* e *fajãs* da ilha onde permaneciam algum tempo com uma dieta alimentar bastante mais fraca, na qual o incenseiro tinha um papel decisivo.

59 *Relatório da Visita do Presidente da Comissão Administrativa da Junta Geral Autónoma de Angra do Heroísmo às Ilhas de São Jorge e Graciosa, 20 de Setembro de 1933*, Angra do Heroísmo, Tip. do Governo Civil, 1933, p. 13.